

## ELEMENTOS DE UMA ÉTICA FUNDAMENTAL: A OBTENÇÃO DO BEM HUMANO<sup>1</sup>

*Fátima Maria Nobre Lopes\**, *Adauto Lopes da Silva Filho\*\**

### RESUMO

Tomando algumas considerações sobre a crise dos valores humanos e sobre a necessidade de se pensar as ações humanas no mundo atual voltadas para uma dimensão ética, este artigo tem como objetivo apresentar alguns elementos de uma ética fundamental para que se possa compreender o seu real sentido na obtenção do bem humano. Para tanto, começaremos com alguns conceitos sobre ética, moral, cidadania e política. Em seguida tomaremos o pensamento de alguns clássicos da Filosofia Antiga para delinear os fundamentos da ética em suas concepções com destaque às considerações de Kant, na modernidade, que defende a necessidade da educação para a formação da consciência moral. Por fim, no terceiro ponto, à luz dessa fundamentação, falaremos da ética individual, social e profissional. Esta última consiste em o profissional ser feliz a fazer feliz a quem o procura. Finalizaremos o texto com uma breve discussão acerca da ciência moderna e dos valores que norteiam o agir humano na atualidade, fazendo uma reflexão sobre a necessidade de resgatarmos os valores éticos cuja mediação central ocorre por meio da educação.

**Palavras-chave:** ética fundamental; educação; bem humano.

<sup>1</sup> Texto com pequenas reformulações, publicado no livro *Temas de filosofia e de história da educação: bases teóricas e experienciais* (Nobre Lopes; Silva Filho, 2018), edição já esgotada.

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Filosofia da Faculdade de Educação da UFC. Membro efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC e do Mestrado Profissional em Filosofia (PRO-FILO/UFC). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ontologia do Ser Social, Ética e Formação Humana (GEPOS) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Filosofia (GEPEFI), ambos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2009. ORCID: 0000-0003-4602-2443. Correio eletrônico: fatimanobreufc@gmail.com.

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação da UFC. Líder do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica, Filosofia e Educação. ORCID: 0000-0001-9061-840X Correio eletrônico: adautoufcfilosofia@gmail.com.

## **ELEMENTS OF FUNDAMENTAL ETHICS: ACHIEVING THE HUMAN GOOD**

### **ABSTRACT**

*The aim of this article is to present some elements of a fundamental ethics so that we can understand its real meaning in achieving the human good. To this end, it takes into account the crisis of human values in today's world and the need to think about human actions from an ethical perspective. We will begin by discussing some concepts about ethics, morality, citizenship and politics. Next, we will look at the thinking of some of the classics of Ancient Philosophy to outline the foundations of ethics in their conceptions. In modern times, we will highlight the considerations of Kant, an author who defends the need for education in order to form a moral conscience. Finally, from this perspective, we will talk about individual, social and professional ethics. The latter refers to the fact that professionals should be happy and bring happiness to those who seek it. We will end the text with a brief discussion of modern science and the values that guide human action today, as well as a reflection on the need to rescue ethical values, the central mediation of which occurs through education.*

**Keywords:** *fundamental ethics; education; human good.*

## **ELEMENTOS DE UNA ÉTICA FUNDAMENTAL: LA REALIZACIÓN DEL BIEN HUMANO**

### **RESUMEN**

*El objetivo de este artículo es presentar algunos elementos de una ética fundamental para que podamos comprender su verdadero significado en la realización del bien humano. Para ello, se tiene en cuenta la crisis de los valores humanos en el mundo actual y la necesidad de pensar las acciones humanas en términos de dimensión ética. Comenzaremos discutiendo algunos conceptos sobre ética, moral, ciudadanía y política. A continuación, examinaremos el pensamiento de algunos clásicos de la Filosofía Antigua para esbozar los fundamentos de la ética en sus concepciones. En la época moderna, haremos hincapié en las consideraciones de Kant, autor que defiende la necesidad de la educación para formar una conciencia moral. Por último, desde esta perspectiva, hablaremos de ética individual, social y profesional. Esta*

*última se refiere al hecho de que los profesionales sean felices y proporcionen felicidad a quienes los buscan. Finalizaremos el texto con una breve discusión sobre la ciencia moderna y los valores que orientan el comportamiento humano en la actualidad, así como una reflexión sobre la necesidad de rescatar los valores éticos, cuya mediación central ocurre a través de la educación.*

**Palabras clave:** *ética fundamental; educación; bien humano.*

## 1 INTRODUÇÃO

A crise dos valores no mundo atual remete à necessidade de se pensar as ações dos homens nos seus diversos setores: na família, na economia, na política, nas instituições escolares, etc. Isso conduz à ética fundamental e requer que se compreendam pelo menos alguns dos elementos que possibilitem uma reflexão sobre o agir humano atual. Sendo essencialmente o pensar sobre o sentido da conduta humana em sociedade, torna-se necessária e atual a discussão sobre a relação do homem com a natureza e com os outros homens, principalmente no mundo moderno e pós-moderno, após o desenvolvimento das ciências e das tecnologias que levou a uma crise generalizada dos valores humanos. Portanto, a crise da humanidade hoje não é só econômica; o que se questiona, principalmente, é o modelo de civilização que se construiu no mundo ocidental com o advento da ciência moderna, principalmente nos tempos atuais, cujos valores estão voltados para o ter e para o poder.

Delineando um pouco essa questão, este texto apresenta alguns elementos de uma ética fundamental para que se possa compreender o seu real sentido na obtenção do bem humano, pois se fala muito em democracia, em liberdade, em direitos humanos, mas é difícil o agir em prol das suas conseqüências até mesmo na vida cotidiana e, apesar dos bloqueios em virtude do capitalismo, o que levou à crise das ciências e dos valores humanos, grande parte dessa dificuldade deve-se ao fato de não se compreender bem o que seja realmente uma ação ética e/ou moral<sup>2</sup>.

Começaremos por algumas conceituações para que se possa entender acerca do indissolúvel entrelaçamento entre ética, moral, cidadania e política, tentando responder às perguntas surgidas até mesmo em sala de aula sobre o que vêm a ser essas categorias

---

<sup>2</sup> Falamos aqui em ação ética e/ou moral porque alguns filósofos não fazem diferença desses termos, ou seja, empregam-nos indistintamente no sentido do agir voltado para o bem comum. No entanto, numa definição terminológica, podem-se separar esses termos conforme veremos no item a seguir deste escrito.

essenciais da sociabilidade humana e o que as diferenciam entre si. Esse é o primeiro ponto a ser desenvolvido neste texto para, a partir daí, falarmos, no segundo ponto, do fundamento da ética no pensamento clássico por meio das ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles. Ainda no segundo ponto, remetendo um pouco à modernidade, tomaremos o pensamento de Kant ao defender a necessidade da educação para a formação da consciência moral, a fim de afastar o homem da sua animalidade e realizar o seu potencial de humanidade. No terceiro ponto, à luz dessa fundamentação, falaremos da ética individual, social e profissional, destacando esta última categoria como sendo essencialmente a felicidade do profissional e, ao mesmo tempo, daquele que o procura. Por fim, no quarto ponto, finalizaremos com as considerações sobre a ciência moderna e os valores que norteiam o agir humano na atualidade, demonstrando que tais valores levam o homem, principal e paradoxalmente, a perder a sua humanidade.

## 2 NOÇÕES DE ÉTICA, MORAL, CIDADANIA E POLÍTICA

Cotidianamente, no senso comum, as pessoas não costumam distinguir os termos ética e moral, geralmente os utilizam indistintamente ou empregam tais termos no sentido popular, caracterizando a falta de ética como o falar mal de alguém, e a moral, como sinônimo de autoridade. Desta forma, são frequentes as seguintes expressões: “Maria *dedurou* José, ela não tem ética”; “João não tem moral com o filho”. Também o mesmo ocorre com as palavras cidadania e política, entendendo-se o termo cidadania como nacionalismo ou somente como obrigações burocráticas dos indivíduos para com o Estado, e o termo política somente no seu sentido partidário, decorrendo expressões populares como esta: “Eu detesto política”. Por isso, costuma-se reduzir o caráter da cidadania e da política à eleição ou a documentos pessoais, exigidos pela burocracia civil.

Mas o sentido dessas categorias sociais vai além disso. Os homens precisam de normas que orientem a sua ação para viver em sociedade<sup>3</sup>. Ele é um ser que trabalha transformando a natureza em objetos de uso para atender às suas necessidades vitais, para isso estabelece relações com a natureza e com outras pessoas, gerando-se, a partir daí, uma superestrutura para regular as suas ações nas quais estão presentes os complexos sociais, como o direito, a linguagem, a religião, a educação, etc. Tudo isso vai compor a sua sociabilidade, que deve ter como fim o bem-estar de todos, ou seja, o bem comum. Porém,

---

<sup>3</sup> Hobbes (1588-1679), filósofo inglês, em sua obra *Leviatã* (1651), diz que o homem sem normas, sem organização, “[...] é o lobo do homem”, uma vez que predomina a força física.

nem sempre os resultados de uma ação são aqueles esperados pelos sujeitos que a pratica, isso exige a necessidade de se refletir sobre as determinações que impediram tal intento, buscar outros meios, reformular princípios, etc. É importante frisar que não estamos falando de individualidades singulares, e sim do gênero humano. Estamos aqui no campo da *Ética*, que não é apenas, como diz Souza Filho (1998, p, 27), “[...] uma *reflexão* sobre o fazer, *antes de fazer*, procurando fazer bem [...]”, mas também uma reflexão da ação depois de consumada. É assim que Henrique Vaz (1993, p. 5) vai dizer que *ética é teoria*, investigação ou explicação da forma de comportamento dos homens, definindo-a como sendo “[...] a *teoria* ou a *ciência* do comportamento moral dos homens em sociedade”. O que queremos destacar aqui é o caráter reflexivo da ética que está presente em qualquer das suas várias definições e, portanto, o seu aspecto eminentemente teórico, ainda que esteja em estreita relação com a prática, com o agir dos homens, que é a instância da moral.

Nesse último sentido, Henrique Vaz (1993) vai dizer que não se podem confundir problemas teóricos com problemas práticos, embora estejam relacionados. Também não se podem confundir a ética e a moral: “A ética não cria a moral [...] ela se depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral” (Vaz, 1993, p. 12). A partir dele, procura determinar a essência do ato moral, avaliar os critérios e princípios que regem a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais. Podemos sintetizar, então, afirmando que a *ética* é a *teoria* da moral, e a *moral* é a prática da ação humana<sup>4</sup>, ou seja, “[...] o fenômeno moral é o dado empírico, o quê de observável do comportamento humano” (Souza Filho, 1998, p. 30).

Destaca-se aí a relação dialética entre a ética e a moral, uma vez que há uma influência recíproca entre ambas: o homem age mediante uma reflexão da sua ação, no sentido de fazer bem, e exerce uma reflexão dos seus resultados no sentido de superar as dificuldades e bloqueios e se elevar genérica e humanamente. Tudo isso em prol de um viver comum. Portanto, é necessário agir moralmente correto, de tal forma que nem sacrifique o indivíduo em prol do social nem o eleve (o indivíduo singular) em detrimento do coletivo. É na conciliação, pois, do individual com o social ou coletivo que consiste a *dimensão política* do homem e o verdadeiro exercício da *cidadania*, que pode ser definida basicamente como sendo

---

<sup>4</sup> Veja que as origens das duas palavras têm sentidos análogos, apesar das suas dimensões ontológicas diferentes: a palavra *moral* vem do latim *mos* ou *mores*, que significa “costume” ou “costumes”; em idêntico sentido, a palavra *ética* vem do grego *ethos*, que significa “modo de ser”, “caráter”. Ambas se assentam no mesmo sentido, ou seja, dizem respeito à forma de vida conquistada pelo homem.

o exercício pleno da sua vida individual, social e profissional. Joaquim Severino (1994, p. 98) ressalta que o homem só é realmente cidadão se pode efetivamente “[...] usufruir dos bens materiais necessários para a sustentação de sua existência física, dos bens simbólicos necessários para a sustentação de sua existência subjetiva e dos bens políticos necessários para a sustentação de sua existência social”. Portanto, a sua dimensão política e a sua *cidadania* não são um favor que lhe é concedido por alguém politicamente generoso, e sim é um *direito* que deve fazer parte do seu *ser-homem*. Portanto, o homem é um ser político e cidadão por direito, uma vez que, ao ser concebido, já passa a fazer parte da generidade humana composta por suas leis e seus costumes. Também, ao nascer, o indivíduo singular passa a exercer forte influência no seu meio social, fazendo parte da síntese das múltiplas determinações individuais que formam os complexos sociais onde ele atua. O agir humano está presente em todos esses complexos e, portanto, faz-se necessário o estudo do seu comportamento nas diversas situações, resultando assim numa ética aplicada aos vários setores sociais, como os seguintes: ética individual, ética social, ética profissional, ética religiosa, ética política, etc.

Toda essa fundamentação tem a sua base no pensamento grego, destacando aqui a ética de Sócrates, Platão e Aristóteles, sem excluir pensadores de outras épocas, como é o caso do filósofo Emanuel Kant, na modernidade. Faremos referência a esses pensadores.

6

### 3 FUNDAMENTOS DA ÉTICA EM SÓCRATES, PLATÃO, ARISTÓTELES E KANT

De um modo geral, os grandes pensadores que trataram de uma ética fundamental sempre buscaram formulações que atendessem, a partir de alguns princípios mais universais, o bem-estar do gênero humano, cuja base essencial relaciona-se com a virtude e a justiça. Apesar das variações na teoria dos filósofos aqui citados, podemos dizer que, de um modo geral, essa é a questão central que permeia todo o seu pensamento sobre a ética.

Sócrates, filósofo grego (470-399 a. C.), que aparece nos diálogos de Platão, apesar de considerar a extrema necessidade de obediência às leis para o bem coletivo, questionava-as nos seus diálogos (descritos por Platão)<sup>5</sup>, procurando fundamentar racionalmente a sua validade e se elas eram realmente justas. É nesse sentido que o conservadorismo grego não suportava os seus

---

<sup>5</sup> Sócrates (470-399 a. C.) nada deixou escrito sobre as suas ideias. O que há do seu pensamento é demonstrado principalmente nas obras e diálogos de Platão (427-347 a.C.). Também Xenofonte (430-355 a. C.) e Aristófanes (448-385 a. C.) escreveram sobre o seu pensamento, embora com menos intensidade e profundidade filosófica.

questionamentos, condenando-o à morte por ser acusado de corromper a juventude, pois se considerava que as leis deveriam ser acatadas e não questionadas. A ética socrática reside em preparar o homem para conhecer-se a si mesmo (conhece-te a si mesmo) e nesse conhecimento vislumbrar a felicidade e a justiça. Para Sócrates, o conhecimento de si é a base para o agir ético do homem, porém sempre voltado para o respeito às leis justas e à coletividade, a fim de garantir a ordem e a manutenção sadia de si e do corpo social. Na obra *Defesa de Sócrates* (1985), Platão menciona a sua posição ética quando os amigos lhe suplicam para fugir: “[...] a única coisa que me importa é viver honestamente sem cometer injustiças, nem mesmo em retribuição a uma injustiça recebida” (Platão, 1985, p. 26). A ética socrática é fundamentada na virtude (*aretê*) que deve ser ensinada aos jovens. Posteriormente, Sócrates foi considerado o fundador da moral.

Platão (427-347 a.C.), principal discípulo e seguidor de Sócrates, considera que a ética está intrinsecamente relacionada com a política e com o conhecimento, por isso o bom governante deve ser sábio e virtuoso. Para ele, a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça são virtudes essenciais para o desenvolvimento do comportamento ético, que deve estar voltado para a felicidade do homem e para o bem comum. Portanto, só pode haver felicidade se o que for bom e justo para o indivíduo seja também para a coletividade. Toda essa concepção está relacionada à ideia do Bem que Platão desenvolve na sua obra *A República* (1980)<sup>6</sup>, demonstrada principalmente nos livros VI e VII. Para ele, o Bem é a finalidade suprema da vida, é ainda condicionado pelo conhecimento, além de ser a causa maior de toda a existência. Diz Platão (1980, p. 321) que “[...] no limite do cognoscível é que se avista, a todo custo, a ideia do Bem; e uma vez avistada, compreende-se que ela é, para todos, a causa de quanto há de justo e belo [...] é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e pública”. A *Polis* (Estado Grego) retratada na *República* é, pois, presumidamente, o lugar onde se desenvolve a prática do bem, da justiça e da consciência moral.

Aristóteles (383-322 a.C) também relaciona a ética à política e a defende como o alcance da felicidade, porém não considera o conhecimento como levando o homem necessariamente a uma ação moral, pois ele pode levar o homem à verdade ou à mentira. Na sua obra *Ética a Nicômaco* (1984), ele fala das virtudes e dos vícios, insistindo na pluralidade dos seres – portanto, o bem também adquire variedades. Diz Aristóteles (1984, p. 49) que “[...] admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda

---

<sup>6</sup> Na sua obra *A República*, Platão descreve um Estado Ideal, o lugar de uma vida boa e feliz, quer dizer, o lugar de uma vida coletiva, ética e justa.

escolha, tem em mira um bem qualquer [...] o bem é aquilo a que todas as coisas tendem”. Para cada ser deve haver um bem, de acordo com a sua natureza e com a sua essência. Quanto mais complexo é o ser, mais complexo será o seu bem. No entanto, ele não isola a ideia de um bem supremo e de relacionar esse bem a uma vida virtuosa. Quer dizer, o bem supremo é o exercício da virtude numa vida perfeita, o que leva necessariamente à felicidade. Diz o filósofo que “[...] as ações virtuosas devem ser aprazíveis em si mesmas [...] são, além disso, boas e nobres” (Aristóteles, 1984, p. 58). Aristóteles explica que está tratando da virtude humana, e não a do corpo: “[...] por virtude humana entendemos não a do corpo, mas a da alma; e também à felicidade<sup>7</sup> chamamos atividade da alma” (Aristóteles, 1984, p. 63). Sob esse prisma, Aristóteles defendia que o governante, acima de tudo, deveria promover a justiça e a vida boa para todos os cidadãos, para que estes pudessem viver felizes. Por isso, os governantes não poderiam ser corrompidos, e sim deveriam agir eticamente correto. Em suma, podemos perceber que a virtude é o ponto comum do pensamento ético desses três filósofos.

Kant, pensador alemão da modernidade (1724-1804), vai retomar essa ideia de virtude buscando uma ética de validade universal, porém sem perder a sua dimensão histórica e a responsabilidade moral do homem, posto que ele confere a si mesmo os valores, fins e leis da ação moral. A teoria kantiana do agir moral está baseada em uma regra básica de que o agir moralmente consiste em agir com base em regras universalizáveis de tal modo que qualquer outro ser racional possa adotá-las como suas. Eis o seu imperativo categórico: “[...] *age como se a máxima da tua ação se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal*” (Kant, 1986, p. 59). Kant associa a ideia de liberdade ao conceito de autonomia e da ação moral. Portanto, liberdade não é o direito de fazer o que se quer, mas é o direito de fazer o que se deve; agir por dever é ser livre. Então a liberdade não é a ausência de leis, mas é o agir conforme a lei (responsabilidade moral)<sup>8</sup>. Para que o ato possua valor moral, o indivíduo não pode ser coagido, gratificado ou impulsionado a agir de determinada maneira que não seja próprio da sua boa vontade (consciência moral).

---

<sup>7</sup> Segundo Aristóteles (1984, p. 59), “[...] a felicidade é, pois, a mais aprazível coisa do mundo”. Essa felicidade só pode ser alcançada com a boa ação, ou seja, com a prática da virtude tendo em vista não os bens exteriores, pois eles levam a uma felicidade frágil, mas sim o bem da alma. Enfim, alguns homens “[...] identificam a felicidade com a boa fortuna, embora outros a identifiquem com a virtude” (Aristóteles, 1984, p. 58).

<sup>8</sup> É claro que Kant está tratando aqui de uma lei voltada para o bem comum, abstraindo de qualquer particularidade histórica, ou seja, não se trata das leis nos parâmetros do capitalismo, que são baseadas e, principalmente, executadas em prol de privilégios de uma classe dominante.



Aqui consiste a questão central do imperativo categórico enquanto lei universal e da liberdade como propriedade autônoma da vontade. É nesse aspecto que ele fundamenta a sua ideia de liberdade na educação, e essa só ocorre se a criança é ensinada a agir com racionalidade. Para Kant (2006, p. 19) é preciso treinar as crianças para que aprendam a pensar e para que o homem desenvolva as suas disposições para o bem, “[...] cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações”. Para chegar ao estágio de moralidade é preciso que, desde a infância, o indivíduo seja disciplinado e orientado para desenvolver as suas potencialidades. Segundo Kant (2006, p. 12), “[...] a disciplina<sup>9</sup> transforma a animalidade em humanidade [...]”, quer dizer, ela “[...] submete o homem às leis da humanidade” (Kant, 2006, p. 13). A disciplina deve ser imposta às crianças tanto pelos pais como pelas escolas. Kant diz que a falta de disciplina é pior do que a falta de cultura, pois “[...] esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (Kant, 2006, p. 17). Toda a propositura de Kant em sua pedagogia é proporcionar o pleno desenvolvimento da criança para que ela possa se guiar pela própria razão, tornando-a livre e autônoma. A interiorização da disciplina e a aquisição da consciência moral promovem a formação do sujeito ético, autônomo e livre, capaz de se guiar pela própria razão na sua vida pessoal, social e, principalmente, no exercício da sua profissão.

9

#### 4 ÉTICA INDIVIDUAL, SOCIAL E PROFISSIONAL

No seu livro *Fundamentos de ética geral e profissional* (1999), Marculino Camargo (1999, p. 20) diz que “[...] a única obrigação do homem é ser e agir como homem; como ao contrário, o único mal do homem é não ser e agir como homem”. Fazendo referência ao indivíduo singular, o autor diz que o administrador, pai, mãe, enfermeiro, professor, etc., cada um só irá realizar-se enquanto tal se antes realizar-se como pessoa. Portanto, remete “[ ] antes à exigência de ser pessoa, ser agente, ser homem” (Camargo, 1999, p. 20).

Vimos que a ética reflete a ação do homem no sentido de verificar quais os melhores princípios norteadores da sua práxis. E isso ocorre nos mais diferentes campos da ação humana. Temos, então, uma ética geral – sempre referente à ideia de bem, de virtude – e as éticas específicas, como já mencionamos: individual, social, política, profissional, etc. No entanto, qualquer desses casos refere-se sempre à ação do homem. Então “[...] os agentes

---

<sup>9</sup> A disciplina, no sentido kantiano, diz respeito aos cuidados e às orientações que se devem dar às crianças, deixando-as desenvolver as suas potencialidades, porém demonstrando igualmente os seus limites, posto que não se pode viver em sociedade sem regras e sem conhecer os “perigos” que a vida pode trazer.

morais, em primeiro lugar, são indivíduos concretos que fazem parte de uma comunidade [...]” (Vaz, 1993, p. 18), ou seja, os atos morais apresentam sempre um aspecto subjetivo, interno, psíquico, constituídos de motivos, impulsos, atividades da consciência “[...] que propõe fins, seleciona meios, escolhe entre diversas alternativas, formula juízos de aprovação ou de reprovação, etc.” (Vaz, 1993, p. 19). Dessa forma, a atividade moral é sempre vivida internamente pelo sujeito que vai influenciar fortemente as normas e princípios que norteiam o coletivo, além de ser influenciado pelo meio social. Destaca-se aqui a *ética individual* “[...] que nasce paulatinamente das experiências existenciais do indivíduo” (Souza Filho, 1998, p. 35).

É claro que o fator subjetivo e a conseqüente formação da personalidade são amplamente determinados pelo meio em que o indivíduo vive, pois, quando nascemos, já encontramos um mundo feito e definido: os setores sociais, a família, a religião, a educação, as relações econômicas e políticas, etc., tudo isso já com uma ética consolidada e imposta. Souza Filho (1998, p. 34, grifo do autor) comenta que, da mesma forma que a mãe protege os filhos contra doenças ao vaciná-los, também as instituições sociais administram “[...] algumas vacinas éticas destinadas à preparação de um comportamento individual e social eficaz e estável”. Tais vacinas são os ensinamentos, já na vida infantil, por meio da educação da família, escola, universidade, igreja, associações, sindicatos, etc. Então, a partir da infância e da adolescência, o indivíduo vai construindo sensorial e emotivamente, através da educação e dos conhecimentos recebidos, uma postura ética, uma responsabilidade moral pelos seus atos<sup>10</sup>. Porém, não se pode esquecer que o indivíduo só se torna pessoa na relação com o outro, inseridos numa malha social.

Estamos agora no âmbito da *ética social*, pois, como já frisamos, o indivíduo, ao nascer, depara-se com as necessidades e exigências da vida coletiva, na qual vigora uma moral social “[...] que não é a invenção de cada um em particular, mas que cada um encontra como dado objetivo, social” (Vaz, 1993, p. 20). Manifesta-se aqui a intrínseca relação do pessoal com o social<sup>11</sup>. É preciso atentar para que não se caia num *psicologismo ético* no caso de se reduzir a moral ao aspecto subjetivo, assim como, no outro extremo, não se caia no *sociologismo ético*, no caso de se reduzir os atos morais aos fatos sociais. Portanto, a moral

---

<sup>10</sup> A responsabilidade moral do indivíduo singular caracteriza-se pela escolha e consciência da sua ação. Isso implica, é óbvio, no conhecimento das circunstâncias, da natureza e das conseqüências da ação.

<sup>11</sup> Nobre Lopes (1995), falando do pensamento de Lukács na sua obra *Ontologia do ser social*, diz que, para se atingir uma postura ética, deve haver uma ação que parta do próprio indivíduo, porém sempre relacionada com o social.

humana, quer individual, quer social, não pode ser prescindida uma da outra. Para uma ação moralmente correta é preciso um conhecimento das estruturas sociais, mas, por outro lado, é necessário que os fatores sociais que aí influem passem pela consciência dos homens, pela sua liberdade de escolha e de decisão.

Nessa intrínseca relação dos polos subjetivo e objetivo da ação humana, podemos resgatar o papel ativo do homem como sujeito construtor da sua vida social e da sua história. Destacam-se, assim, a sua responsabilidade e o seu comprometimento pelos seus atos. É por isso que, ao assumir uma determinada profissão, ainda que não seja por sua vontade, em virtude das condições de oferta, o sujeito singular deve assumir com responsabilidade aquilo que escolheu. Manifesta-se aqui a *Ética Profissional*, que pode ser compreendida “[...] como uma reflexão pessoal do agente profissional buscando definir diretrizes lógicas e valorativas orientadoras do seu procedimento laboral” (Souza Filho, 1998, p. 61). Nesse âmbito da ética profissional, incide bastante a ética individual, pois a filosofia de vida pessoal do agente influi decisivamente no seu comportamento profissional. “Um indivíduo egoísta o será como psicólogo, professor ou advogado. Quem individualmente desconhece o valor honestidade, muito provavelmente o desconhecerá na prática da sua profissão” (Souza Filho, 1998, p. 67).

Portanto, o refletir ético-profissional torna-se bastante necessário, uma vez que implica a realização de duas felicidades: a do profissional e a felicidade daquele para quem está atuando, por exemplo, advogado e cliente, médico e paciente, professor e aluno, etc. “A profissão traz consigo uma significação substantiva. Representando o conhecimento categórico e específico de cada atividade do agir humano” (Souza Filho, 1998, p. 62). Podemos citar, a título de exemplo, o Direito, o Serviço Social, a Medicina, a Administração, a Educação, a Pedagogia, etc., que encerram em seus sistemas gnóticos, conceitos e procedimentos básicos indispensáveis à harmonia e ao equilíbrio das relações sociais nas quais estão inseridos os profissionais e os seus respectivos clientes, pacientes, alunos, etc. Podemos destacar, então, “[...] a relação existente entre o homem que escolhe uma profissão, sua reflexão sobre os valores lógico-científicos e deontológicos da profissão e sua prática individual e social” (Souza Filho, 1998, p. 63).

O profissional deve revelar não somente um tipo de sabedoria relativa à sua ciência, mas, acima de tudo, deverá se sentir feliz e fazer o seu cliente, paciente, aluno, etc., feliz, realizando moralmente o ideal da sua profissão e ajudando os outros indivíduos a se sentirem melhores e mais seguros na busca de um determinado profissional e, conseqüentemente, na

busca comum de uma vida feliz. A “Ética Profissional, portanto, será iniciada por uma introspecção, um *conhece-te a ti mesmo* a partir do qual o sujeito profissional se autoanalisa como conhecedor dos preceitos teóricos do seu ofício e depois como correto praticante de sua profissão” (Souza Filho, 1998, p. 65).

Enfim, da mesma forma que a ética geral é uma teoria e uma reflexão da moral, a ética profissional é também uma teoria e uma reflexão axiológica de uma moral profissional. Se o “[...] fim buscado na reflexão ética é a realização de uma prática moral feliz, o mesmo ocorrerá com relação à ética profissional” (Souza Filho, 1998, p. 69-70). Na atualidade, em que os valores humanos e éticos estão tão distantes, é preciso insistir: o profissional de qualquer ofício terá de ser feliz e fazer feliz a quem o procura.

Queremos terminar essas considerações com a seguinte questão: no mundo hoje, é possível qualquer profissional, na ação do seu ofício, inserir uma atitude moralizante, no sentido do exemplo de uma profissão coerente, honesta e feliz, a fim de que se possa chegar a uma sociedade mais justa, igualitária e realmente humana, cuja direção maior é o respeito à vida? Quais são os valores que norteiam o agir humano no mundo atual?

## **5 À GUIA DE CONCLUSÃO: A CIÊNCIA MODERNA E OS VALORES QUE NORTEIAM O AGIR HUMANO NA ATUALIDADE**

12

Augusto Comte (1830), filósofo francês, considerava a época da razão científica como sendo o período de maturidade e evolução da humanidade. Para ele a humanidade se iniciou por um conhecimento teológico da realidade quando o homem procurava explicar tudo a partir da religião. No segundo estágio, ela atingiu a dimensão metafísica, filosófica, quando o homem passou a justificar o real a partir da reflexão. O terceiro estágio, que é a maturidade da humanidade, é o positivo (no sentido de positivismo), porque agora tudo é explicado a partir das ciências positivas, empíricas, experimentais.

O nosso século, caracterizado por esse terceiro estágio, é marcado pela evolução do saber científico. Podemos verificar, no entanto, o quanto este saber vem sendo utilizado não somente no processo de hominização, ou seja, no sentido da descoberta da natureza, dos seus nexos causais, e de transformá-la para atender às necessidades humanas; mas, acima de tudo, o quanto este saber científico destrói arbitrariamente a natureza, degradando também o próprio gênero humano. Basta lembrarmos as duas últimas guerras mundiais, o extermínio de milhões de pessoas e a fome que ainda assola muitos homens em todo o planeta. O mundo tecnicizado leva à “autocoisificação” do homem. E aqui se evidencia o grande paradoxo dessa

sociedade fundamentada na ciência: de um lado, o grande desenvolvimento; de outro, a desigualdade social e a destruição da natureza. A ciência tem se mostrado incapaz de resolver estas questões. Verifica-se assim o caráter aético na construção da ciência moderna e pós-moderna. Porém, a solução não está no retorno ao passado, nem tampouco se deve ver a técnica somente no seu aspecto extremamente negativo. A questão que se coloca é a seguinte: será que não é possível um progresso que respeite a natureza e dignifique a vida humana? Será que não é possível uma sociedade onde haja realmente o exercício da cidadania?

Diante de todas essas questões nada é mais oportuno do que se falar em *ética*, já que a razão científica está fazendo da ciência não um meio de libertação e construção do homem, e sim de escravização, isto é, o homem da modernidade e do avanço da ciência torna-se escravo de si próprio.

Vivemos num mundo maravilhoso da tecnologia e, ao mesmo tempo, num mundo dos horrores da miséria. A Revolução Industrial provocou enormes mudanças na vida humana e na sociedade fazendo surgir uma civilização mundial, uma organização social e o estabelecimento de valores padronizados através do acesso de todos os povos à mesma tecnologia produtiva. Foi a partir daí que se formou um sistema econômico universal.

Tal fase já se inicia no século XVIII e se desenvolve nos séculos XIX, XX e XXI com a invenção dos computadores e com as novas formas de comunicação. O tempo humano fica cada vez mais distante, e o que predomina é o do tempo das máquinas. O homem vai perdendo o seu lugar e subordinando-se cada vez mais aos ritmos impostos pelas tecnologias. Dessa forma, a ação do homem torna-se mecânica, uma vez que predomina a automação, pois, de acordo com os valores atuais, “tempo é dinheiro”, e diante disso não importam os valores humanos, mas sim os valores do ter e do poder, do lucro e do consumo.

Os valores morais, que são o fundamento da ética, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sofreram fortes inversões. A forma de produção capitalista, proporcionada pelo desenvolvimento das ciências, fez surgir uma nova consciência: a tecnológica. Segundo Manoel de Oliveira (1989), essa é a consciência da funcionalização universal, que é aquela que rege todas as coisas a si para descobrir a função que pode exercer em sua autorrealização. O cientificismo passa a ser a expressão ideológica dessa consciência. Manifesta-se, então, o caráter da reificação das relações humanas, do fetiche científico e econômico.

Na sociedade tecnológica e capitalista, não se considera o ser humano como valor fundamental, e sim o dinheiro, este sim ocupa o lugar central. Tudo é medido pelo dinheiro. As pessoas são valorizadas pelo dinheiro que possuem ou pelo dinheiro que são capazes de

produzir<sup>12</sup>. Quantas vezes nos referimos às pessoas pelo que elas possuem, por exemplo: “É aquele que tem um carro vermelho”. Ou seja, as pessoas são identificadas pelo que possuem, e não pelo que são de fato: um bom amigo, um bom caráter, uma pessoa educada, uma pessoa simpática, etc.

Tudo isso mostra que o aspecto humano do homem deixou de ser o valor fundamental, predominando o valor do dinheiro e do lucro. É comum ouvirmos, ao se planejar uma ação, a seguinte pergunta: “O que vou ganhar com isso?”. Edifícios que caem e matam dezenas de pessoas por algum tipo de economia na construção; pessoas morrendo em hospitais por falta de uma assistência médica pública, etc. Estes são exemplos dos fatos que predominam na atualidade.

Esses valores que regem a nossa sociedade atingem a maioria das pessoas: sejam aquelas que ocupam cargos elevados, sejam aquelas que pedem uma moedinha no sinal. Todos querem garantir o seu lucro, o seu dinheiro, o seu poder. O grande problema é que a sociedade capitalista emprega e estimula a competição, e, nesse sentido, as pessoas se tornam egoístas, uma vez que só se preocupam consigo, e a intenção primeira é competir com o outro. Assim os valores que norteiam o agir humano na sociedade capitalista são aqueles que têm caráter de utilidade: “É bom para mim aquilo que é útil”. E tudo isso é resultado de uma ideologia sob a égide de defesa dos direitos humanos dos indivíduos, sob a égide da democracia e da liberdade total do homem.

Quando nos referimos à ciência, a realidade não é diferente. Ela surgiu como aquela instância humanizadora e facilitadora da própria sobrevivência humana. Porém, com o seu desenvolvimento, verificou-se que ela foi se tornando um meio de escravização do próprio homem. Isso tudo porque o centro dos valores deixou de ser o humano e passou a ser o lucro, pois o conhecimento passou a ser uma ótima forma de gerar dinheiro e poder.

Neste sentido a ética se apresenta como o grande desafio e espaço de articulação do sentido da vida humana na sociedade contemporânea – onde as religiões, as tradições e a cultura perderam espaço –, uma vez que ela (a ética) deve ter como objeto e fim último a obtenção do bem humano. O bem, portanto, é o que nos faz realizar a “perfeição de nossa natureza”. Já sabemos que o bem humano tem caráter coletivo; individualmente tal princípio

---

<sup>12</sup> Marx (1989, p. 234), na sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, diz que o dinheiro, “[...] enquanto conceito de valor existente e ativo, confunde e permuta todas as coisas, é a transposição universal de todas as coisas [...] de todas as qualidades naturais e humanas”. Assim, quem pode comprar a coragem, por exemplo, “[...] é ousado, ainda que seja covarde” (Marx, 1989, p. 234).

até pode não ser aceito, mas, no verdadeiro exercício da cidadania, deve ser ponderado pelo executor. Ou seja, estando em convívio social, deverei agir de tal modo que os meus princípios e os sociais sejam contemplados ao máximo. É na sua própria existência, nas suas ações, que o indivíduo vai conciliar os princípios éticos gerais com a sua aplicação prática, uma vez que a ética não oferece regras de conduta para cada ação. No entanto, é o homem quem estabelece e modifica os seus princípios éticos, é o homem quem deve conciliar o individual e o coletivo. Portanto, cabe a ele próprio buscar novas normas de conduta para superar a barbárie gerada por ele mesmo. É preciso, pois, rever os valores que se tornaram invertidos na sociedade contemporânea, uma vez que nela o *homem* tornou-se *meio*, e o *dinheiro* e o *poder* tornaram-se o *fim* último na vida social dos homens. A partir dessas considerações, podemos defender a necessidade de uma educação mediada por uma dimensão ética, quer seja a educação formal, quer seja a educação no seu sentido mais geral. O importante é que atinja a obtenção do bem humano.

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984. v. 2.
- CAMARGO, Marculino. **Fundamentos de ética geral e profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5. ed. Piracicaba: Editora UIMEP, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- NOBRE LOPES, Fátima Maria. O estranhamento como fenômeno histórico-social em Lukács. **Educação em Debate**, Fortaleza, n. 29-32, p. 15-20, 1995.
- NOBRE LOPES, F. M.; SILVA FILHO, A. L. da. **Temas de filosofia e de história da educação: bases teóricas e experienciais**. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-a 28.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **A filosofia na crise da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1989.

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. Tradução de Jaime Bruna *et al.* 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

SOUZA FILHO, Oscar D'Alva. **Ética individual e ética profissional: princípios da razão feliz**. Fortaleza: ABC, 1998.

VAZ, Henrique C. L. **Ética e liberdade**. São Paulo: Loyola, 1993.

Recebido em: 19 set. 2023.

Aceito em: 27 nov. 2023.